

Maluf reúne 30 mil em comício que repete o estilo de Collor

por Ricardo Balthazar
de São Paulo

Paulo Maluf era um homem contente ontem. Candidato do PDS à Presidência da República, na quarta eleição que disputa em sua vida, ele não parava de sorrir quando subiu no palanque armado na Praça da Sé, no centro da capital paulista, e encontrou trinta mil pessoas para o primeiro e único comício de sua campanha na maior cidade do estado em que lidera todas as pesquisas de intenção de voto realizadas até agora.

Ele não continha sua euforia e enxergou cem mil pessoas na praça, fora as outras cem mil que, achava, deviam estar espalhadas pelas laterais da praça. Maluf aproveitou seu único comício de porte nesta campanha para imitar o estilo de outro candidato, Fernando Collor de Mello (PRN): falou numa espécie de tribuna destacada do palanque em que só cabiam ele e sua mulher, Silvia, o locutor do comício e fotógrafos e cinegrafistas; cumprimentou a multidão com os braços levantados; e usou no discurso várias expressões comuns a Collor.

Do carro ao palanque, onde subiu por trás, levou quinze minutos. Tirou o paletó e ficou saltitando, dançando junto com a mulher. Mal percebeu a confusão embaixo: espremidas contra as grades, dezenas de pessoas eram empurradas em todas as direções e davam trabalho para os soldados da Polícia Militar e

os seguranças do partido. Até a saída de Maluf, o ambulatório médico atendeu 24 pessoas com desmaios ou ferimentos.

Os organizadores do comício juntaram gente de vários municípios do interior do estado e bairros da capital. Havia dez ônibus e trinta cavalos deromeiros do interior. Eram poucas as faixas e bandeiras. Não houve vaias nem manifestações de adversários, mas a confusão e o empurra-empurra na multidão tiraram boa parte da euforia que Maluf e as atrações musicais do comício esperavam.

Ele não desanimou e, num discurso de quinze minutos prometeu tudo. "Quero ver todo mundo neste país com um bom emprego e dinheiro no bolso", disse. "Trabalhador é trabalhador, bandido é bandido. Com eles, vai ser assim: escrevê, não leu — o pau comê. A Rota vai para a rua de novo." Maluf disse que, se eleito, distribuirá bolsas de estudo integrais a todos que estudarem em escolas particulares, acabará com os vestibulares e baixará a inflação a 1% mensais em dois anos.

Repetiu que construirá um milhão de casas por ano e isentará do Imposto de Renda na fonte os assalariados que ganham até vinte mínimos mensais.

"Daqui a uma semana, temos um encontro no gabinete eleitoral. São cinco segundos de conversa entre vocês e eu. Me dêem cinco segundos e dou para vocês cinco anos de desenvolvi-

mento". Agarrou várias vezes a bandeira nacional e a paulista. Evitou ataques aos seus adversários, mas lembrou da esquerda quando criticou a "bandeira vermelha da foice e o martelo", um tema recorrente em sua campanha na televisão.

O Hino Nacional tocou pela metade e houve fogos de artifício. Maluf levou vinte minutos para deixar o palanque e entrar no carro para ir embora. Quando seu motorista já acelerava, parou porque logo à frente um segurança do PDS espancava um homem que rompera o cordão de segurança.

A polícia, que esperrava dez mil pessoas e avaliou em cinqüenta mil o público do comício, teve dificuldades em controlar a multidão perto do palanque e retirou de lá vários homens a força. Cerca de 130 policiais estavam no local.

Mas Maluf não percebeu a maior parte da confusão. Embora contente, estava cansado: passou a manhã e parte da tarde em campanha em Minas Gerais e se preparava para, hoje, ir a Pernambuco. Na véspera, estava no Paraná, onde percorreu nove cidades. Essa movimentação, o corpo-a-corpo com os eleitores e o tom mais agressivo da campanha fazem parte da estratégia de Maluf desde o mês passado, quando o empresário Calim Eid assumiu o comando de sua campanha no lugar de Paulo Roberto Rich-ter.

Eid, há anos um dos colaboradores mais próximos

de Maluf, foi quem articulou sua campanha nas três últimas eleições que disputou e perdeu — a Presidência da República para Tancredo Neves no Colégio Eleitoral de 1984, o governo paulista para Orestes Quêrcia (PMDB) em 1986 e a prefeitura da capital para Luiza Erundina (PT) em 1988. Eid entrou para impulsionar o desempenho de Maluf nas pesquisas. Hoje, embora lidere em São Paulo, ele disputa com outros candidatos o quarto lugar a nível nacional.

"Espero chegar ao segundo turno", repetiu duas vezes ontem, na entrada e na saída do palanque, em rápidas entrevistas, deixando claro que não tem certeza se vai ganhar. Maluf não criticou os adversários e dirigiu um rápido comentário às perguntas sobre a candidatura do empresário e animador Sílvio Santos (PMB): "Qualquer candidato tira voto dos outros. É um problema que cada um tem que resolver sozinho. Conto com o povo".

Maluf chega ao fim de uma campanha em que provocou muita confusão. A convenção que o escolheu em maio, por exemplo, terminou com a renúncia do senador Jarbas Passarinho da presidência do PDS e levou à dissidência seu concorrente, o prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin, que hoje apóia Collor de Mello. O PDS tem hoje 15% do número de cadeiras que tinha no Congresso Nacional há nove anos e não conta com nenhum governador.